

ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,
NOÇÃO DO ESPAÇO,
IMAGINAÇÃO E
MEMÓRIA VISUAL

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA
(ORGANIZADOR)

ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,
NOÇÃO DO ESPAÇO,
IMAGINAÇÃO E
MEMÓRIA VISUAL

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA
(ORGANIZADOR)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Arquitetura e urbanismo: sensibilidade plástica, noção do espaço,
imaginação e memória visual

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Gabriel Motomu Teshima
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Pedro Henrique Máximo Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772 Arquitetura e urbanismo: sensibilidade plástica, noção do espaço, imaginação e memória visual / Organizador Pedro Henrique Máximo Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-690-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.901212311>

1. Arquitetura. 2. Urbanismo. 3. Projetos. I. Pereira, Pedro Henrique Máximo (Organizador). II. Título.

CDD 720

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Quais as possibilidades e limites da relação homem-meio? Para indicarmos as respostas a essa inquietante questão é possível seguir por dois caminhos. De um lado, temos a potência da **produção** do espaço, da interferência direta no meio, da modificação do concreto, da construção material da história. De outro, temos a **percepção** do produzido e dos processos de modificação, da ativação do sensível e da apropriação do meio, da construção de sentidos e significados da vida espacializada.

Ambas, produção e percepção, são atravessadas pela imaginabilidade, pela construção de memórias coletivas e individuais dos espaços de vida que têm como cenário, palco e produto a arquitetura e a cidade. Ambas carregam o ensejo da expectativa, da esperança, da contradição, da luta cotidiana, do trabalho humano, do pertencimento, do medo e até mesmo da negação. Assim, ambas, em sua latente ambiguidade, são potências da vida humana. Guardam as possibilidades daquelas experiências recorrentes, cotidianas e programáveis às experiências inovadoras, inéditas e espontâneas.

Este livro da Atena Editora, intitulado “Arquitetura e urbanismo: sensibilidade plástica, noção do espaço, imaginação e memória visual” tensiona essas duas possibilidades.

Em seu conjunto de textos há uma diversidade que certamente interessará a leitoras e leitores. Ilustra, numa visão não estanque, mas imbricada e dinâmica, o tensionamento entre a produção e a percepção. Assim, a interação entre estes dois campos humanos proposta neste livro vai da ideação e revisão crítica de uma experiência de jurisdição e gestão patrimonial em Minas Gerais às respostas arquitetônicas como a expressiva experiência plástico-formal recente na obra de Santiago Calatrava.

Entre estes dois pontos há um percurso interessante a ser feito: técnicas retrospectivas e métodos de recuperação de artefatos históricos; apontamentos diversificados sobre a arquitetura religiosa e relação com a sociedade; notas, relatos e análises da forma urbana, da morfologia urbana e da história urbana em cidades brasileiras, portuguesas, peruanas, mexicanas e chilenas; e, por fim, reflexões sobre a cidade contemporânea, sobre o patrimônio modernista e sobre a legislação urbanística e zoneamento.

Nestes casos aqui expostos produção e percepção se chocam, se unificam, se diferenciam, se contrapõem e se complementam. Esta diversidade é certamente a beleza de sua composição e início de um caminho para diálogos, problematizações e o levantamento de novas possibilidades da experiência única de, ao mesmo tempo, construir e habitar o mundo.

É ainda digno de nota que este percurso não é linear, mas ziguezagueia. Vai do micro ao macro e retorna ao micro. Expõe tensões, concordâncias e fraturas.

Assim, estimo, a leitoras e leitores, uma excelente experiência!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ICMS DE PATRIMÔNIO CULTURAL CONCEITOS, GESTÃO E EFICÁCIA DO MECANISMO EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E TRABALHO: OS OFÍCIOS TRADICIONAIS

Simone de Almeida Ramos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123111>

CAPÍTULO 2..... 11

O PÓ CERÂMICO COMO ADITIVO ALTERNATIVO NO RESTAURO DE ARGAMASSAS HISTÓRICAS: O CASO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO AMPARO DE SÃO CRISTÓVÃO SE/BR

Eder D. Silva

Guilherme B. Almeida

Breno A. Franco

Arthur S. Santos

Carla A. Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123112>

CAPÍTULO 3..... 26

LA ARQUITECTURA RELIGIOSA DE TEPIC, NAYARIT. CASO DE ESTUDIO: EL SANTUARIO DE GUDALUPE

María Elizabeth Loera Beltrán

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123113>

CAPÍTULO 4..... 36

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E TRABALHO: OS OFÍCIOS TRADICIONAIS IDENTIFICAÇÃO E MAPEAMENTO DAS CORES DO FORRO DA SACRISTIA DO CARMO PEQUENO DE SÃO CRISTÓVÃO SE/BR

Eder D. Silva

Adriana D. Nogueira

Karoline P. Paulo

Ellen D. A. Paiva

Paulo M. M. Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123114>

CAPÍTULO 5..... 53

O ESTUDO DE ELEMENTOS DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO AO ALCANCE DA SOCIEDADE: A RELAÇÃO DAS OBRAS RELIGIOSAS ENTRE PORTUGAL E BRASIL, A INFLUÊNCIA PORTUGUESA

Eleusy Natália Miguel

Alex Fernandes Bohrer

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123115>

CAPÍTULO 6..... 64

RISCOS DE TIPIFICAÇÃO FUNCIONAL EM PATRIMÔNIO MONÁSTICO-CONVENTUAL

DEVOLUTO [ÉVORA, PORTUGAL]

Maria do Céu Simões Tereno

Maria Filomena Mourato Monteiro

António Vitorino Simões Tereno

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123116>

CAPÍTULO 7..... 84

A CIDADE NA CIVILIZAÇÃO INCA – CONQUISTAS E PADRÕES

Caroline Silva de Albergaria

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123117>

CAPÍTULO 8..... 101

DESIGUALDADE SOCIOESPACIAL E LEGISLAÇÃO URBANA: ZEIS 3 COMO PERSPECTIVA PARA A ISONOMIA SOCIAL NA CIDADE DE SÃO PAULO

Sumaya Hamad Chaouk

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123118>

CAPÍTULO 9..... 114

FORMAS URBANAS EM DOIS LADOS DO ATLÂNTICO

Ricardo Batista Bitencourt

Ramon Fortunato Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123119>

CAPÍTULO 10..... 132

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA URBANA POTIGUAR: EPÍTOME SOBRE NATAL E PARNAMIRIM

Lenita Maria dos Santos Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90121231110>

CAPÍTULO 11..... 141

AVENIDA FREI SERAFIM (TERESINA-PI): LEITURAS POSSÍVEIS DO SEU DESENHO URBANO

Renata Beatriz Alves de Melo

Pamela Krishna Ribeiro Franco Freire

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90121231111>

CAPÍTULO 12..... 151

JARDINS DE CHUVA. ESTRATÉGIAS DE BENEFÍCIOS AMBIENTAIS, ECOLÓGICOS E PAISAGÍSTICOS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Jane Cecilia Santucci

Samanta Machado de Amorim.

Larissa Santos de Paula

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90121231112>

CAPÍTULO 13..... 157

TALLER DE DISEÑO URBANO EN UNA POBLACIÓN VULNERABLE DE SANTIAGO

DE CHILE

María Isabel Matas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90121231113>

CAPÍTULO 14..... 167

PARQUE GUINLE E LOUVEIRA: DUAS VARIAÇÕES DO BLOCO SOBRE PILOTIS

Nathalia Cantergiani Fagundes de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90121231114>

CAPÍTULO 15..... 181

ESPAICIALIDADE E ESTRUTURA, A CONFORMIDADE DE AMBOS NOS PROJETOS DE SANTIAGO CALATRAVA

João Gabriel Voss Quattrucci

Valéria Cassia dos Santos Fialho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90121231115>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 190

ÍNDICE REMISSIVO..... 191

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA URBANA POTIGUAR: EPÍTOME SOBRE NATAL E PARNAMIRIM

Data de aceite: 01/11/2021

Data de submissão: 06/08/2021

Lenita Maria dos Santos Fernandes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal – RN

<http://lattes.cnpq.br/6379604742044675>

RESUMO: Este artigo possui como objetivo analisar a condição de formação social e a econômica da cidade de Natal e Parnamirim no Rio Grande do Norte. Para isso, utilizamos como fundamentação de pesquisa o materialismo histórico dialético e como metodologia uma pesquisa básica, qualitativa de caráter documental e bibliográfico a partir das obras História do Rio Grande do Norte e A História de Parnamirim e pesquisa quantitativa sobre a habitação e as atividades econômicas desenvolvidas através de dados do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil e do Observatório de Trabalho Decente nos Municípios. Esses meios possibilitaram os seguintes resultados: conhecimento da estrutura social e econômica de formação social das cidades de Natal e Parnamirim no Rio Grande do Norte e setores econômicos atuais.

PALAVRAS-CHAVE: história; sociedade; formação urbana; estrutura econômica; Rio Grande do Norte.

INTRODUCTION TO POTIGUAR URBAN HISTORY: EPITOME ABOUT NATAL AND PARNAMIRIM

ABSTRACT: This article aims to analyze the condition of social and economic formation in the city of Natal and Parnamirim in Rio Grande do Norte. For that, we used as a research foundation the dialectical historical materialism and as methodology a basic, qualitative research of documental and bibliographic character from the works História do Rio Grande do Norte and A História de Parnamirim and quantitative research on housing and economic activities developed through data from Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil and Observatório do Trabalho Decente nos Municípios. These means enabled the following results: knowledge of the social and economic structure of social formation in the cities of Natal and Parnamirim in Rio Grande do Norte and current economic sectors.

KEYWORDS: history; society; urban formation; economic structure; Rio Grande do Norte.

1 | INTRODUÇÃO

A sociedade, sua formação, composição e características a muito fazem parte do desenvolvimento, aprimoramento, foco e estudo do Serviço Social. É impossível desassociar a sociedade dessa profissão que é correlata a muitas outras áreas de estudo, por isso é tão importante sempre ter em mente a relação do Serviço Social brasileiro com a história urbana brasileira.

É comum haver estudos sociais sobre a cidade, seu desenvolvimento e como afeta e é afetada pelas relações sociais. Em função disso, foi escolhido como tema desse artigo fazer uma articulação do urbano com o social, com o objetivo de analisar como a formação de uma cidade, sua historicidade está conectada com o coletivo, com o agrupamento comunitário que nele reside. Por ser um tema muito amplo, que absorve diversas possibilidades, foi selecionada para compor este escrito a elaboração de uma análise social a partir da formação urbana e social das cidades nordestinas de Natal e Parnamirim, localizadas no Rio Grande do Norte.

São cidades com histórias formativas interligadas e que possuem em si características que podem ser pertinentes a todo desenvolvimento territorial brasileiro assim como são diversas e particulares de sua própria região.

Para viabilizar a investigação sobre o tema e o objetivo foi utilizada como metodologia a realização de uma pesquisa básica qualitativa, documental e quantitativa, que viabilizasse uma pesquisa de qualidade. Foram analisados dois livros chave sobre a história e o desenvolvimento de Natal e Parnamirim, o primeiro foi História do Rio Grande do Norte escrito por Marlene da Silva Mariz e Luiz Eduardo B. Suassuna e o segundo foi A História de Parnamirim composto por Carlos Peixoto, além disso, foram utilizados dados estatísticos para serem analisados, os dados são de 2010 e tratam a respeito de características da habitação e dos setores econômicos nas cidades, eles foram retirados do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil e do Observatório do Trabalho Decente¹.

O artigo está estruturado em duas partes que foram subdivididas: contextualização sobre o desenvolvimento social e urbano de Natal, alguns dados e características de como a cidade está atualmente, como surgiu Parnamirim, quem constituiu a cidade em seus primeiros dias oficiais e breve análise sobre sua situação mais recente, atributos domiciliares, contingente populacional e setores econômicos de influência no município.

2 | NATAL: APANHADO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO URBANA E SOCIAL

O desenvolvimento da urbanização territorial está ligado à ampliação das relações sociais e econômicas. Uma sociedade só é reconhecida como tal por meio das relações que nela existem, caracterizadas como sociais. Relações firmadas por meio da necessidade de sobrevivência e também pelo trabalho. O homem se realiza como homem por meio do trabalho, da execução de atividades de transformação.

A história do desenvolvimento da sociedade brasileira tem início por meio de relações de exploração social e econômica conhecida como escravidão. É por meio da exploração do homem e da terra que se configura o desenvolvimento urbano brasileiro.

¹ O Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil e o Observatório do Trabalho Decente são plataformas que podem ser utilizadas como instrumentos de pesquisa que analisam dados oficiais a partir do que cada uma se propõe, como por exemplo, analisar o desenvolvimento humano no Brasil e quais tem sido as características trabalhistas, sanitárias ou até mesmo econômicas envolvidas com promoção do trabalho decente nos municípios brasileiros.

De acordo com Suassuna e Mariz, sobre a expansão territorial e o desenvolvimento econômico do Brasil e da região nordeste no século XVIII,

cronologicamente o Nordeste foi a primeira área a ser aberta para a pecuária. Com o prosseguimento contínuo do povoamento durante o período colonial, por fim toda a região, menos a da faixa litoral, se viu interessada na criação de gado [...] A criação de gado na região nordeste está também muito ligada ao extrativismo salineiro, desenvolvido especialmente no litoral da capitania do Rio Grande do Norte (MARIZ; SUASSUNA, 2005, p.107 e 108).

Já no início do século XIX,

com o território [da capitania do Rio Grande do Norte] quase todo povoado, cresciam as culturas de açúcar, algodão, pau-brasil, tabaco e ainda arroz, milho, feijão e mandioca, que constituíam as fontes gerais da economia; além dessas as indústrias da criação de gado, da pesca, da exploração das salinas e das madeiras de construção. A maior parte dessas indústrias sofria toda sorte de dificuldades, afligidas pelo fisco e pelos monopólios, sem contar com os embaraços causados pelos transportes, terrestres ou marítimos. [...] Para o comércio fora do Brasil, já nos meados do século XVIII a capitania exportava o pau-brasil, o algodão, drogas medicinais e outros. (MARIZ; SUASSUNA, 2005, p. 122).

O crescimento urbano está intrinsecamente relacionado à expansão econômica. Por meio das citações acima pode-se perceber que a economia foi o estimulante mais importante para que houvesse urbanização no nordeste do brasileiro.

O período colonial brasileiro foi marcado por intensa exploração humana por parte, principalmente de Portugal, em que os homens que aqui estavam eram em sua maioria escravos e onde eles se situavam, em que locais habitavam, que situações viviam, miséria, escassez, higiene não eram relevantes e sim a produção, apenas a produção. Aqueles que na época da sesmaria possuíam terras é que eram bem vistos, possuíam boas condições de moradia e condições ao menos minimamente dignas de sobrevivência.

A terra sempre foi uma mercadoria de alto valor, que mediava as relações humanas. Aqueles que eram donos da terra possuíam melhores condições de vida, mas aqueles que não a possuíam ou que não tinham condições de a explorar eram marginalizados, subalternizados por aqueles que eram os grandes senhores de terras.

A terra servia como moradia, meio de produção alimentar, possuir uma terra, um lugar, era e é sinônimo de poder, de ter, de ser alguém.

No Nordeste eles inicialmente eram os senhores de engenho, escravocratas colonialistas vindos de Portugal para explorar a terra e retirar suas riquezas, porque os bens da terra é que eram bens de valor, seja por meio de exportação de pau-brasil, agricultura e agropecuária, mineração ou qualquer outra atividade que possa cultivar e/ou retirar da terra. Esse foi uma breve introdução sobre início da formação urbana brasileira.

No que se refere à cidade de Natal, seu desenvolvimento é marcado pelas características acima. Cidade localizada no nordeste brasileiro, de boa terra e próxima ao

mar, o que a favoreceu enquanto uma das primeiras capitânicas do Brasil. Sua trajetória urbana e social é marcada pela exploração humana e terrena, o solo nordestino foi o primeiro a ser colonizado. A terra sempre foi colocada como apenas mais um recurso, um meio para obter riquezas.

Com relação à consolidação da conquista, uma vez que já estava definida a posse de terra, era indispensável que fosse iniciado o povoamento, e com isso o cultivo do solo. Quinze dias depois de fundada [em 25 de dezembro de 1599] Natal ainda estava deserta. [...] Quanto a Natal, pouco era seu progresso nesses primeiros tempos. Dos raros concessionários de sesmarias no sítio da cidade, raros se apossaram de suas concessões. A Fortaleza [Fortaleza dos Reis Magos] contava com um efetivo de 200 praças de guarnição, fora os oficiais. A colônia instalada às margens do Potengi pode ser classificada como de “plantação” ou de enquadramento o que significa dizer que: “o colono limita-se a explora-la, a arrancar-lhe a riqueza para a seguir, a transportar para fora”. (MARIZ; SUASSUNA, 2005, p. 37 e 38).

O processo de urbanização e socialização passou pelo escravismo, imperialismo e republica. A expansão industrial brasileira é considerada atrasada e carrega consigo diversas consequências.

A região de Natal só recebe atenção para efetiva expansão e atenção a partir da 2ª Guerra Mundial, pois, possui uma localização única que auxiliou os países aliados durante aquele momento. É nesse período que se vincula a história da cidade de Natal com a de Parnamirim.

3 | BREVÍARIO ANALÍTICO DA ATUAL CIDADE DE NATAL

Habitar não tem relação apenas com o ter uma casa, mas também com as condições de bem estar promovidas socialmente, que condicionam uma verdadeira urbanização, uma plena conexão do ser humano com o meio em que vive. Para isso, é necessário o fornecimento por meio do Estado de um leque de ações e políticas públicas sociais que abranjam a área da educação, renda, empregabilidade, saúde, assistência, boa alimentação e condições dignas de moradia.

Com isso, vamos a seguir analisar alguns dados relacionados à habitação como porcentagem de domicílios com água encanada, energia elétrica e coleta de lixo, sendo os dados retirados respectivamente do Atlas do Desenvolvimento Humano e do Observatório do Trabalho Decente, como número de habitantes e sua distribuição por setor econômico, afinal foi o desenvolvimento de atividades econômicas que influenciaram o desdobramento urbano e social de Natal e de Parnamirim.

Indicadores de Habitação - Município - Natal - RN

	1991	2000	2010
% da população em domicílios com água encanada	85,73	93,65	98,91
% da população em domicílios com energia elétrica	98,25	99,70	99,84
% da população em domicílios com coleta de lixo	88,93	97,23	98,82

Figura 1: Indicadores de Habitação de Natal/RN. Fonte: PNUD, Ipea e FJP.

Em 2010, de acordo com o Observatório do Trabalho Decente nos Municípios, o município de Natal possuía 803,7 mil habitantes, desses 350,8 mil entre 18 e 64 anos caracterizados como população ocupada.

População ocupada – distribuição nos setores econômicos

Agricultura	2010	2.827 1%
Indústria	2010	63.804 18%
Serviços, inclusive Administração Pública	2010	284.203 81%

Figura 2: Indicadores de Setores econômicos de Natal/RN. Fonte: IBGE, Observatório do Trabalho Decente nos Municípios.

Atualmente, a cidade de Natal é a capital do estado do Rio Grande do Norte e um de seus principais centros urbanos. Em 2010 seu número de habitantes era 803,7 mil.

Divergente do seu ponto de partida, onde a base da economia eram atividades de pecuária e agricultura, atualmente o maior setor econômico de Natal é o setor de prestação de serviços, agricultura é o setor que possui o menor índice de atividade.

De acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, em 2010 toda a população da cidade estava em localidade urbana, ou seja, não havia contingente de população rural em Natal. A partir do agrupamento populacional registrado em 2010, 803,7 mil pessoas, quase 100% dos domicílios possuíam acesso a água encanada, energia elétrica e coleta de lixo. Esse dado realmente representa a realidade vivida pela população da cidade? Apenas mais pesquisa sobre o assunto pode revelar isso a fundo.

4 | UM BREVE CONTO SOBRE A HISTÓRIA DE PARNAMIRIM

Assim como Natal, Parnamirim também teve seu desenvolvimento urbano e social marcado pelo interesse de exploração da terra, seja por agricultura, pecuária ou extração de riquezas naturais, sendo estas características marcantes do período colonial brasileiro. Segundo Carlos Peixoto, em a História de Parnamirim (2003, p. 27), as terras que inicialmente foram denominadas Paranã-mirim, que significa pequeno rio veloz em tupi, ficaram por muito

tempo “inproveitadas e despovoadas”.

Quase um século inteiro se passou sem que a região conhecesse outro modelo de povoamento que não fosse esses sítios [divisão de terra conhecida por Sesmaria], onde os cultivos eram as lavouras de subsistência e os povoados ajuntamentos de três ou cinco casas dos lavradores. (PEIXOTO, 2003, p. 28).

A cidade de Parnamirim tem sua história de desdobramento fortemente vinculada a cidade de Natal, sendo ela considerada por muitos como sua extensão, apesar de serem gestadas como municípios diferentes, estão em muito conectadas, afinal são cidades vizinhas e como tal possuem relações comunitárias de aproximação social.

Parnamirim começa a avançar e ser reconhecida como cidade a partir da 2ª Guerra Mundial que teve início em 1939.

Com o desenrolar da guerra na Europa, o governo Vargas se viu forçado a assinar um acordo de defesa mútua (julho de 1941), ceder as áreas para a instalação de bases norte-americanas no Nordeste (outubro de 1941), romper relações diplomáticas com a Alemanha, Itália e Japão (janeiro de 1942) e, por fim, em 22 de agosto, declarar guerra aos países do Eixo.³ A construção das bases naval e aérea, em Natal, seria fruto desses acordos. A Base Aérea daria o impulso decisivo para o surgimento da cidade de Parnamirim. (PEIXOTO, 2003, P. 60).

A base aérea em Parnamirim acolheu e serviu a muitos norte-americanos, ela foi chamada por eles de Parnamirim Field. Os norte-americanos na cidade buscaram promover avanços territoriais que facilitassem suas vidas, como a construção de uma nova estrada.

A estrada teve um caráter de urgência estratégica. Foi aberta e pavimentada, com 20 Km de extensão, em seis semanas. O trajeto entre a capital e o antigo campo de aviação, que era feito em três horas por uma estrada de barro, quase uma trilha, passou a ser feito em 20 minutos. Considerada pelos natalenses “uma obra-prima da tecnologia” norte-americana, “a pista”, como ficou conhecida, serviu durante várias décadas ao tráfego entre Natal e Parnamirim. (PEIXOTO, 2003, P. 65).

A presença dos norte-americanos trouxe muitos avanços e pontos positivos como a geração de empregos, construção formal da cidade, reconhecimento dela como ponto estratégico no envolvimento com a guerra, avanços tecnológicos, construção de estradas, abertura da base aérea, mas também gerou problemas como brigas entre os estrangeiros e os nativos, divisão da base aérea em dois lados um para “povo”, aumento de preço de alimentos.

Enfim, como já é possível observar a formação social e urbana da cidade de Parnamirim foi refém de diversas fases e características. Apesar de próxima a Natal e ao litoral, suas terras por muito tempo foram consideradas insignificantes para exploração cujo objetivo era exportação, levar os produtos brasileiros para fora, para que houvesse obtenção de lucro, a intensão nunca foi planejar a formação de um país, mas de uma colônia. Parnamirim, assim permaneceu, sem forma, até que foi descoberta como uma terra de localização estratégica e

que poderia ser tão significativa para a história da aviação.

Segundo Peixoto,

Os primeiros residentes permanentes de Parnamirim, os verdadeiros pioneiros da cidade, foram os operários, vendedores e prestadores de serviços atraídos para área do campo de aviação. Migrantes do interior do Rio Grande do Norte e de outros Estados, que chegaram tangidos pela seca em busca de trabalho, salários e um pedaço de chão para erguer uma casa que pudessem considerar como própria. [...] Luís da Câmara Cascudo, escrevendo sobre o surgimento do povoado à sombra das atividades militares, observou que ele parecia surgir do nada, com "*a impetuosidade dos fenômenos naturais*". Queria ilustrar, assim, a rapidez e a forma caótica como, no espaço de dois anos (1942-1944), inúmeras famílias chegaram e se instalaram em Parnamirim. [...] Quando toda essa gente começou a chegar, a partir do segundo semestre de 1941 e com maior intensidade a partir de 1942, o povoado não tinha ruas demarcadas ou qualquer infraestrutura urbana. (PEIXOTO, 2003, p. 98 e 104).

5 | EPÍTOME EXPOSIÇÃO SOBRE RECENTE CENÁRIO URBANO DE PARNAMIRIM

Como já mencionado anteriormente, Parnamirim é uma cidade que demorou, em comparação a Natal, a ser formada como tal. Passou muitos anos sendo concebida como terra sem valor, até que explodiu como foco urbano e teve que ser formada de maneira acelerada para atender as demandas sociais que estavam lhe sendo impostas pelo novo contingente populacional atraído pelo desenvolvimento da base aérea de Natal e seus frutos.

A seguir veremos quais são na presente época as características urbanas e sociais de Parnamirim, por meio de uma análise de dados retirados respectivamente do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil e do Observatório do Trabalho decente, plataformas de consultas de dados estatísticos sobre a realidade brasileira. Serão colocados dados sobre o conjunto populacional de Parnamirim, como porcentagem de domicílios com água encanada, energia elétrica e coleta de lixo, número de habitantes e sua distribuição por setor econômico.

Indicadores de Habitação - Município - Parnamirim - RN

	1991	2000	2010
% da população em domicílios com água encanada	64,68	90,39	98,66
% da população em domicílios com energia elétrica	94,01	99,37	99,89
% da população em domicílios com coleta de lixo	74,69	94,73	98,81

Figura 3: Indicadores de Habitação de Parnamirim/RN. Fonte: PNUD, Ipea e FJP

População ocupada – distribuição nos setores econômicos

Agricultura	2010	962 1%
Indústria	2010	16.497 19%
Serviços, inclusive Administração Pública	2010	71.545 80%

Figura 4: Indicadores de Setores econômicos de Parnamirim/RN. Fonte: IBGE, Observatório do Trabalho Decente nos Municípios.

Segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil em 2010, 100% da população de Parnamirim morava em área urbana, e quase todos os domicílios possuem acesso a água encanada, energia elétrica e a coleta de lixo, ou seja, possuem boas condições urbanas. Será essa a realidade? Como já mencionado em ponto anterior apenas pesquisas profundas podem revelar.

De acordo com o Observatório do Trabalho Decente, em 2010, havia em Parnamirim 202,5 mil habitantes, 89,0 mil como população ocupada. Dessa população ocupada à maioria está locada no setor de movimento econômico dos serviços, e o menor contingente está ocupado com atividades de agricultura. Nesse ponto, vale ressaltar que tanto o Atlas do Desenvolvimento Humano quanto o Observatório do Trabalho Decente são plataformas que tem acesso aos mesmos sistemas de dados para as formar e informar, a diferença é o ponto de análise de cada uma.

Os dados revelam que o cenário e o modo de formação social e urbano em Natal e em Parnamirim foram transformados, ainda possui pontos convergentes com as características de seu início, contudo por mais que algumas atividades e setores permaneçam os mesmos, não são executados da mesma forma. Natal hoje é um grande centro urbano e Parnamirim hoje está a seguir seus passos.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade, a formação de um agrupamento comunitário é o principal meio de demonstração da força das relações humanas. Cada cidade possui uma história particular sobre a sua constituição, cada história e cidade é permeada e significada por aqueles que a compõe. Cada centro urbano possui indivíduos que a dão vida.

No caso de Natal aqueles que a deram forma eram estrangeiros cujo intuito não era dar vida a uma cidade, mas produzir e explorar riquezas para exportar, ter terras para ser considerado alguém. A cidade surgiu em meio aos interesses colonialistas de Portugal. No entanto ela cresceu e se desenvolveu hoje não é colônia, mas cidade possui nome, tem história, tem povo próprio, miscigenado e forte.

Em meio ao desenvolvimento de Natal emergiu Parnamirim. Uma terra sem vida, sem muita gente, mas que entre tantos acontecimentos se tornou uma cidade, que tem seus habitantes, sua história, suas lutas e que caminha para se tornar um grande centro urbano como Natal.

Esses municípios são prova de que são as pessoas, os laços sociais que formam a cidade. São as relações humanas que definem o urbano e que também são por ele influenciadas, é uma relação intrínseca entre o homem e o meio, o meio e o homem que caracteriza a cidade.

REFERÊNCIAS

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Perfil – Natal, RN**. Rio de Janeiro, PNUD, IPEA, Fundação João Pinheiro, 2013. Disponível em:<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/natal_rn>. Acesso em: 16 ago. 2020.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Perfil – Parnamirim, RN**. Rio de Janeiro, PNUD, IPEA, Fundação João Pinheiro, 2013. Disponível em:<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/parnamirim_rn>. Acesso em: 16 ago. 2020.

MARIZ, Marlene da Silva. **História do Rio Grande do Norte** / Marlene da Silva Mariz, Luiz Eduardo B. Suassuna. – 2ª ed. Natal [RN]: Marlene da S. Mariz, 2005.

OBSERVATÓRIO DO TRABALHO DECENTE. **Natal/RN**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em:<<https://smartlabbr.org/trabalhodecente/localidade/2408102>>. Acesso em: 7 ago. 2020.

OBSERVATÓRIO DO TRABALHO DECENTE. **Parnamirim/RN**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em:<<https://smartlabbr.org/trabalhodecente/localidade/2403251>>. Acesso em: 7 ago. 2020.

Peixoto, Carlos. **A história de Parnamirim**. Natal (RN) : Z Comunicação, 2003. Disponível em:<<http://issuu.com/jornaisprefeituraparnamirim/docs/historia>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 2, 61, 63, 106, 118, 174

Arquitetura 11, 12, 13, 15, 16, 25, 26, 36, 42, 53, 55, 56, 57, 63, 64, 84, 85, 86, 87, 99, 100, 101, 113, 121, 122, 125, 130, 131, 148, 149, 151, 152, 167, 168, 169, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190

Arquitetura religiosa 13, 26, 42, 53, 55, 56

C

Catas altas 53, 54, 55, 57, 58, 59, 62

Centro histórico 38, 78, 121, 123, 124, 127, 128, 130

Chan Chan 84, 86, 87, 93, 94, 95, 98, 99, 100

Cidade contemporânea 9, 122, 127, 130, 151, 168

Cidades 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 26, 53, 57, 59, 64, 71, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 103, 107, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 125, 129, 131, 132, 133, 137, 146, 147, 149, 151, 152, 155, 167, 168, 179, 190

Cidades brasileiras 113, 129, 131, 167, 179

Civilização inca 84, 85

Convento do Carmo Pequeno 36

Cusco 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 94, 95, 96, 98, 99

D

Desenho urbano 106, 130, 141, 142, 143, 146

Desigualdade socioespacial 101, 112

E

Edifício louveira 167, 169, 170, 173, 175, 180

Évora 52, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82

F

Formação urbana 132, 133, 134

H

História da cidade 63, 114, 135, 141, 147, 148

História urbana 132

I

Itabirito 53, 54, 55, 57, 58, 59, 62

J

Jardim de chuva 151, 153, 155

L

Legislação urbanística 104, 105

M

Machu Pichu 84, 86, 88, 90, 91, 92, 93, 95, 98, 99

Morfologia urbana 84, 114, 117, 130, 131, 141, 142, 143, 150

N

Natal 111, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Nossa Senhora do Amparo de São Cristóvão 11, 12

P

Pachacamac 84, 86, 88, 95, 96, 97, 98, 99, 100

Paisagem 37, 117, 123, 124, 131, 141, 143, 149, 151, 152, 154, 155, 156, 168, 176, 190

Paisagem urbana 37, 124, 141, 149, 152, 155, 156

Paraty 114, 117, 122, 123, 124, 127, 129, 130

Parnamirim 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Parque Guinle 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179

Patrimônio 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 24, 36, 39, 51, 53, 54, 55, 58, 60, 61, 62, 63, 90, 117, 123, 130, 141, 142, 143, 147, 148, 150, 170, 179

Patrimônio histórico 2, 8, 10, 15, 24, 39, 51, 60, 63, 123, 170, 179

Planejamento urbano e regional 131

R

Restauração 11, 21, 25, 36, 40, 51

S

Santiago calatrava 181, 182, 183, 186, 188

São Cristóvão 11, 12, 14, 15, 16, 23, 36, 37, 38, 43, 51, 52

São Paulo 10, 25, 51, 52, 63, 99, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 130, 131, 149, 150, 151, 155, 156, 169, 170, 178, 179, 180, 189

Sustentabilidade 1, 111, 113, 151, 156

T

Técnicas construtivas 11, 16, 62

Tepic 26, 27, 31, 34

Teresina 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150

Tombamento 5, 7, 8, 9, 170

U

Urbanismo 11, 35, 36, 84, 85, 86, 87, 88, 93, 98, 99, 100, 101, 102, 106, 113, 122, 129, 130, 131, 149, 157, 179, 180, 181, 190

V

Vila real de santo antônio 114, 117, 125, 129

ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,
NOÇÃO DO ESPAÇO,
IMAGINAÇÃO E
MEMÓRIA VISUAL

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,
NOÇÃO DO ESPAÇO,
IMAGINAÇÃO E
MEMÓRIA VISUAL

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 